

# CONVERGÊNCIAS ENTRE SCHOPENHAUER E NIETZSCHE NA CRÍTICA DA FILOSOFIA ACADÊMICA

CONVERGENCES BETWEEN SCHOPENHAUER AND NIETZSCHE IN THE CRITICAL  
OF THE ACADEMIC PHILOSOPHY

Renato Nunes Bittencourt \*

**RESUMO:** Este artigo aborda as críticas empreendidas por Schopenhauer acerca das peculiaridades da filosofia universitária alemã de sua época, a qual, segundo o filósofo, teria perdido o compromisso com a verdade e com as questões da existência humana, em prol da sua adequação aos ideais políticos do Estado, tornando-se uma serva deste e legitimando-o através da afirmação de interesses mesquinhos, tais como a promoção social e o enriquecimento através da violação dos ideais da Filosofia. Em seguida, faz-se uma comparação sobre as influências que essa crítica realizada por Schopenhauer contra a filosofia acadêmica teria motivado na formação do pensamento de Nietzsche, e de que modo este prolongou as considerações críticas schopenhauerianas, afirmando que a filosofia universitária, através do peculiar entrelaçamento entre a “erudição pela erudição” e a “cultura jornalística”, tendia para o declínio. Afinal, o gênio, de acordo com Nietzsche, utilizaria o conhecimento adquirido para promover os valores da vida, subjugando ainda o saber, mascarado no acúmulo de informações nas quais, apesar da aparente imponência, seriam absolutamente superficiais, incapazes de proporcionar a elevação da cultura da época.

**ABSTRACT:** This paper approaches the critical ones undertaken by Schopenhauer concerning the peculiarities of the German university philosophy of its time, which, according to philosopher, would have lost the commitment with the truth and the questions of the existence human being, in favor of its adequacy to the ideals politicians of the State, becoming a servant of this and legitimizing it through the affirmation of stingy interests, such as the social promotion and the enrichment through the breaking of the ideals of the Philosophy. After that, a comparison becomes on the influences that this critical one carried through for Schopenhauer against the academic philosophy would have motivated in the formation of the thought of Nietzsche, and in that way this drew out the schopenhauerians critical considerations, affirming that the university philosophy, through the peculiar interlacement enters the “erudition for the erudition” and the “journalistic culture”, tended for decline. After all, the genius, in accordance with Nietzsche, would use the acquired knowledge to still promote the values of the life, overwhelming the know, masked in the accumulation of information in which, although the apparent portliness, would be absolutely superficial, incapable to provide the rise of the culture of the time.

**PALAVRAS-CHAVE** Corporativismo. Erudição. Cultura jornalística. Gênio.

**KEYWORDS:** Corporatism. Erudition. Journalistic culture. Genius.

\* Doutorando em Filosofia – UFRJ/CNPq. Contato: seminarioppgf@yahoo.com.br

## Introdução

A contestação crítica ao modelo educacional vigente nas universidades alemãs do período oitocentista são características comuns tanto ao pensamento de Schopenhauer quanto ao de Nietzsche, principalmente no que se refere ao problema da transmissão dos conteúdos da disciplina de Filosofia e na conduta intelectual e existencial do filósofo.

Nietzsche elege Schopenhauer como uma espécie de “mestre educador”<sup>1</sup>, e é digno de nota o quanto a influência que o “cavaleiro solitário” se reflete no desenvolvimento de importantes temas de seu pensamento filosófico, em especial na redação d’ *O nascimento da Tragédia*, com a associação do apolinismo ao princípio de individuação e o dionisismo ao Uno Primordial da Vontade; mais ainda, o papel da música como arte transfiguradora da existência<sup>2</sup>.

As objeções que Schopenhauer empreende contra o ensino de Filosofia nas universidades alemãs de seu tempo são caracterizadas pela denúncia do obscurantismo dos docentes e do corporativismo acadêmico entre os mesmos, ecoando profundamente em Nietzsche, quando este faz uma crítica ferrenha contra a utilização dos meios culturais para fins estranhos ao seu próprio desenvolvimento salutar, especificamente a realização de objetivos meramente lucrativos para os detentores do ensino universitário, assim como a crítica ao ideal de conhecimento perseguido pelos professores acadêmicos, pautado no acúmulo jornalístico de informações, e não na busca por um conhecimento que estimule a criação e o cultivo das capacidades criativas do indivíduo. São estas convergências que se pretende demonstrar a partir deste momento.

## Schopenhauer educador

Schopenhauer, ao dissertar em seu ensaio *Sobre a Filosofia Universitária* acerca da situação na qual se encontrava a filosofia universitária da Alemanha de sua época, considera que a atividade filosófica teria perdido o seu compromisso original de investigação da verdade e com as questões pertinentes aos grandes problemas da existência humana, em prol da sua adequação aos utilitários ideais políticos do Estado. Por conseguinte, Schopenhauer afirma

<sup>1</sup> NIETZSCHE, F. III *Consideração Intempestiva: Schopenhauer Educador*. In *Escritos sobre Educação*. Trad. de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Loyola/PUC-Rio, 2003c, § 1, p. 142. Há ainda que se ressaltar que o adjetivo de “Mestre” concedido a Schopenhauer por Nietzsche se manteria inclusive após este romper intelectualmente e axiologicamente com o primeiro, conforme podemos constatar na *Genealogia da Moral*, Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, “Prólogo”, § 5, p. 11.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 257-278
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

que a filosofia ministrada no sistema universitário de sua época teria se tornado uma ignominiosa serva das estruturas estranhas ao mundo da cultura, legitimando intelectualmente as instituições conservadoras da religião e da tradição social, aparatos que o Estado utiliza para controlar, de modo normativo, as ações dos cidadãos. De acordo com Schopenhauer, a filosofia universitária uma mera caricatura da Filosofia valorosa, comprometida com o conhecimento, com a sabedoria e com a busca pela verdade, independentemente dos fatores externos e das contingências históricas: “A verdade, uma acompanhante perigosa e hospede indesejável”, vaticina Schopenhauer<sup>3</sup>. Essa deturpação ocorreria acima de tudo pela afirmação de interesses obscuros e mesquinhos, tais como a promoção social, o enriquecimento pessoal e o orgulho de se obter o reconhecimento público, atitudes essas que evidenciam claramente a deturpação dos nobres ideais da filosofia, comprometida outrora com a busca pela sabedoria, independentemente da interferência de interesses alheios.

Seguindo o encadeamento da perspectiva schopenhaueriana, podemos ressaltar que a Filosofia “propriamente dita” fora honrada no passado por personalidades excelentes, como, por exemplo, Espinosa, o qual, em nome da independência do pensamento e do compromisso com a razão, não se deslumbrou de modo algum com a possibilidade de adentrar na vida acadêmica, por compreender que o círculo universitário-acadêmico se torna muitas vezes prejudicial para o desenvolvimento adequado da liberdade de pensamento e pela livre manifestação das idéias pessoais. Desse modo, em nome da coerência em relação aos seus próprios valores preconizados como filósofo, Espinosa rejeitou a proposta de lecionar na Universidade de Heidelberg, mesmo ciente do sedutor soldo que obteria por exercer a função de professor. Tal exemplo seria a concretização do mote schopenhaueriano segundo o qual “o verdadeiro filosofar exige independência”<sup>4</sup>. O filósofo que se torna um porta-voz de uma ideologia ou valoração supersticiosa e dogmática causa a ruína da própria atividade filosófica, que é um exercício da busca da verdade e da aquisição da sabedoria, a qual, mesmo que jamais alcançada em sua plenitude, justifica o esforço do pensador para apreendê-la. Schopenhauer destaca o quão raro um “verdadeiro filósofo” tenha sido também docente de filosofia, aproveitando como singular exceção o caso de Kant, destacando, no entanto, que ele

<sup>2</sup> NIETZSCHE, F. *O nascimento da Tragédia ou helenismo e pessimismo*. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, § 1.

<sup>3</sup> SCHOPENHAUER, A. *Sobre a Filosofia Universitária*. Trad. de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola e Márcio Suzuki. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 26

<sup>4</sup> SCHOPENHAUER, A. *Sobre a Filosofia Universitária*. Trad. de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola e Márcio Suzuki. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 89.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 257-278
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

próprio se encontrou na necessidade de se submeter à censura do Estado Prussiano, para que pudesse continuar lecionando sem sofrer sanções legais<sup>5</sup>. Kant muitas vezes conseguiu manter o “filósofo” o mais longe possível do “professor”, mas não expunha a sua própria doutrina na cátedra, para justamente evitar a violação das regras estabelecidas ao uso público da racionalidade<sup>6</sup>.

Em vista destes fatores citados, não podemos esquecer algumas das premissas impostas pelos membros acadêmicos aos postulantes por uma vaga de professor universitário legitimada durante séculos: a comprovação do exercício da religiosidade cristã como garantia de que o professor não iria contrariar as concepções dogmáticas do credo cristão, existindo, conseqüentemente, o compromisso por parte do professor de não se atentar contra a fé e os costumes estabelecidos pelas convenções sociais, dentre outras exigências coercitivas. Tal vicissitude cultural leva Schopenhauer a estabelecer uma radical distinção entre a “filosofia pura”, contemplativa, desinteressada, e a postulada “filosofia aplicada”, aos interesses escusos do Estado e da religião<sup>7</sup>.

Uma vez que a proposta schopenhaueriana é a de se proporcionar o florescimento de uma filosofia comprometida com a causa da verdade e cuja meta superior da filosofia é a satisfação da nobre carência, a carência metafísica da humanidade, e de maneira alguma o exercício filosófico poderia ser estabelecido tendo em vista a realização de um objetivo imediato, tal como um instrumento utilitário que nos auxilia materialmente numa dada função<sup>8</sup>. A humanidade comum, para basear a sua existência numa prática comedida e virtuosa depende da participação numa religião, a metafísica do povo<sup>9</sup>. Entretanto, o “filósofo livre” se emancipou do corpo doutrinário de uma fé, mesmo que bem intencionada, e a busca contemplativa pela verdade é a sua maior beatitude. Mediante tal questão, podemos considerar que o filósofo “verdadeiro”, conforme postulado por Schopenhauer, se assemelharia ao gênio, a figura singular que se destaca pelo comum dos homens por ser capaz

<sup>5</sup> SCHOPENHAUER, A. *Sobre a Filosofia Universitária*, Trad. de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola e Márcio Suzuki. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 7.

<sup>6</sup> SCHOPENHAUER, A. *Sobre a Filosofia Universitária*. Trad. de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola e Márcio Suzuki. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 23. Sobre a questão da distinção kantiana entre o uso público e uso privado da razão, cf. “Resposta à pergunta: O que é “Esclarecimento”?” In. *Textos Seletos*. Trad. de Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2005, em especial p. 65-69.

<sup>7</sup> SCHOPENHAUER, A. *Sobre a Filosofia Universitária*. Trad. de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola e Márcio Suzuki. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 17.

<sup>8</sup> SCHOPENHAUER, A. *Sobre a Filosofia Universitária*. Trad. de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola e Márcio Suzuki. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 17.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 257-278
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

de conhecer as coisas independentemente do princípio da razão suficiente, a qual se delimita apenas ao plano dos fenômenos, e, por conseguinte, ao conhecimento dos objetos particulares e contingentes, circunstância que permite a radical distinção entre o pensamento filosófico e as ciências da natureza. Desse modo, o gênio é capaz de conhecer intuitivamente a essência das coisas, justamente aquilo que está para além da esfera da sensibilidade comum, independentemente do princípio de razão<sup>10</sup>. Tal como o gênio, o filósofo genuíno se torna capaz de contemplar a verdade e adquirir o conhecimento genuíno independentemente das intempéries mundanas, as quais se caracterizam por seduzir irresistivelmente a grande massa dos homens no cotidiano, impedindo assim que a afirmação do pensamento permeie o intelecto do povo anônimo, o qual, nessas condições, permanece atrelado ao plano da ignorância. Por conseguinte, o filósofo autêntico, que não pretendia submeter a sua singular visão de mundo ao modelo castrador de idéias imposto pelo Estado, por se guiar por sua interioridade e suas capacidades racionais, simplesmente se mantinha distante daquele que certamente seria um dos principais aparatos da política estatal, a universidade, posto que esta, ao invés de proporcionar verdadeiramente a reflexão crítica, a investigação emancipada de preconceitos e dogmas, além da formação efetiva da cultura e do conhecimento para a vida, motivava tão somente a afirmação de um dogmatismo cego, ocasionando, por conseguinte, a perda da capacidade de se pensar através da autonomia e da pujança pessoal diante da “cultura de rebanho”.

Para Schopenhauer, esta seria a situação da Filosofia até o período histórico relativo ao final da vida de Kant, um dos primeiros mestres consagrados que aceitaram se arriscar nessa perigosa empreitada. Aliás, Schopenhauer lembra o fato de que Kant, na condição de professor universitário, sofreu demasiadamente com as interferências do Estado e da Religião no tocante ao direito de, enquanto professor e “filósofo”, expor publicamente suas próprias idéias, motivando inclusive, no fim de sua vida, a sua retratação ao Imperador da Prússia, numa polêmica originada quando Kant, n’ *A Religião nos limites da simples razão* desenvolvera idéias acerca da moral cristã que desagradavam aos interesses teológicos das

<sup>9</sup> SCHOPENHAUER, A. *Sobre a Filosofia Universitária*. Trad. de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola e Márcio Suzuki. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 5.

<sup>10</sup> SCHOPENHAUER, A. *O Mundo como Vontade e como Representação*. Trad. de Jair Barboza. São Paulo: Edusp, 2005, III, § 37, p. 264-264. Há que se ressaltar que o filósofo retoma tal problematização na sua *Metafísica do Belo*, Cap. 6, “Do Gênio”, p. 61-81 (Trad. de Jair Barboza. São Paulo: Edusp, 2003).

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 257-278
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

autoridades religiosas<sup>11</sup>. Essas interferências conservadoras na vida de docente de Kant o levaram a, nalguns momentos, a se silenciar enquanto as condições acadêmicas e políticas não se tornassem mais propícias para a divulgação acadêmica do seu pensamento<sup>12</sup>. Afinal, os pensadores mais renomados que possuímos na nossa história da filosofia que se desenvolve após a ruína da tradição escolástica, raramente se aventuravam de lecionar nas universidades, ou, quando ousavam tanto, não permaneciam por muito tempo na posse da cátedra, em vista dos problemas motivados pelos seus polêmicos pensamentos. Todavia, Schopenhauer considera que com o advento da obra de Hegel, o seu grande antagonista intelectual, a Filosofia comprometida com a verdade sofria do terrível risco de ser suplantada pela filosofia acadêmica, universitária, comprometida com a vacuidade, com a prolixidade. Até então, conforme vimos, o pensamento filosófico permanecera imune ao ideal de circunscrever a sua dinamicidade aos parâmetros aprovados pelo Estado, de modo que os filósofos autênticos eram aqueles que permaneciam fiéis ao compromisso com a verdade e com a razão independente das contingências e interesses políticos. Contudo, Schopenhauer considera que, através da influência de Hegel, a filosofia acadêmica se torna a Filosofia por excelência, enquanto a Filosofia que permanecera livre dos ditames obscurantistas de grupos estranhos ao saber e ao conhecimento, se tornava, a partir de então, absolutamente marginalizada, numa curiosa inversão de premissas. O filósofo que não faz parte do círculo universitário e das picuinhas acadêmicas se torna apenas um “livre-pensador”.

Diante deste quadro aterrador, Schopenhauer salienta que uma classe de filósofos supostamente capitaneada pela proeminência intelectual de Hegel teria adotado os valores conservadores do Estado Prussiano, em prol da sua oportunista admissão no círculo universitário, professando, por conseguinte, uma perspectiva filosófica adequada perfeitamente aos ideais medíocres e descompromissados, em todos os seus modos, com a procura incondicional pela verdade. Havia então esse conflito entre aquela que seria a “filosofia a serviço do governo” e a nobre Filosofia, que estava acima de tudo a serviço da

<sup>11</sup> Cumpre destacar que Nietzsche retomaria tal problematização na sua III *Consideração Intempestiva*: Schopenhauer Educador, § 3, p. 151 (Trad. de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Loyola/PUC-Rio, 2003c): “Kant permaneceu atrelado à Universidade, se submeteu aos governantes, salvou as aparências de uma fé religiosa, suportou viver entre colegas e estudantes: é portanto natural que seu exemplo tenha produzido sobretudo professores de filosofia e uma filosofia de professores. Schopenhauer não dava quase atenção às castas acadêmicas, estava distante disto, buscava independência com relação ao Estado e a sociedade – este é o seu exemplo, o seu modelo – para começar pelo que há aí de mais aparente”.

<sup>12</sup> Para melhor explanação dessa questão, cf. o Prefácio de Kant para *O Conflito das Faculdades*, p. 9-16. (Trad. de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1993).

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 257-278
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

verdade, da natureza e da humanidade<sup>13</sup>. Schopenhauer considerava que um dos fatores mais perigosos que poderiam estagnar a reflexão filosófica nos meios intelectuais em um breve espaço de tempo seria justamente essa ânsia por parte dos “filósofos profissionais” em ingressar na carreira de funcionário público de uma instituição acadêmica, garantindo a manutenção confortável de sua existência em troca de um salário, conquistado por meio da sua completa submissão aos desígnios estatais. Afinal, de modo algum o Estado conservador, favorecido pela ignorância do povo, admitiria financiar atividades intelectuais que pudessem comprometer os seus próprios interesses particulares<sup>14</sup>.

A atividade primordial do filósofo acadêmico, segundo o aterrador diagnóstico de Schopenhauer, seria o de legitimar, por meio de sua obra intelectual, a estrutura estabelecida pela organização política de sua sociedade, a religião oficial dogmática e coercitiva que é utilizada, financiada e manipulada pelo Estado para mais facilmente conduzir o rebanho da massa dos homens, assim como as manifestações artificiais da cultura oficial do Estado, estranha ao desenvolvimento sadio da verdadeira cultura, que se coloca naturalmente para além das mesquinhas contingências históricas. A sabedoria é essencialmente atemporal e apolítica, ainda que verse sobre as questões do tempo presente e dos problemas políticos que afetam diretamente o desenvolvimento da vida humana. Conforme Schopenhauer,

Conseqüentemente, enquanto a Igreja existir, só poderá ser ensinada nas universidades uma filosofia que, composta em total consideração para com a religião do Estado, caminhe, no essencial, paralelamente a ela, e que portanto – embora rebuscada, singularmente tão engalanada e, assim, difícil de entender – de fato nada mais seja, no fundo e no principal, que uma paráfrase e uma apologia da religião e do Estado. Assim, aos que ensinam sob tais limitações, nada mais resta do que ir em busca de novas expressões e formas sob as quais representem o conteúdo travestido em termos abstratos em, por isso, insípido da religião do Estado, que a partir de então se chama filosofia<sup>15</sup>.

A autêntica Filosofia é comprometida incondicionalmente com o ato de buscar a verdade que revele o sentido do mundo para o homem, suprindo assim os caracteres mais angustiantes da carência metafísica comum em todo homem<sup>16</sup>. Por conseguinte, se porventura

<sup>13</sup> SCHOPENHAUER, A. *Sobre a Filosofia Universitária*. Trad. de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola e Márcio Suzuki. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 4.

<sup>14</sup> SCHOPENHAUER, A. *Sobre a Filosofia Universitária*. Trad. de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola e Márcio Suzuki. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 4.

<sup>15</sup> SCHOPENHAUER, A. *Sobre a Filosofia Universitária*. Trad. de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola e Márcio Suzuki. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 6.

<sup>16</sup> SCHOPENHAUER, A. *Sobre a Filosofia Universitária*. Trad. de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola e Márcio Suzuki. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 4.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 257-278
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

um Estado vier a manifestar um interesse efetivo em auxiliar a Filosofia, o melhor modo de realizar esse nobre ideal seria através da sua não-interferência aos assuntos que somente dizem respeito ao mundo dos filósofos. Schopenhauer, sendo ainda mais radical nas suas reivindicações, considera que o Estado não precisaria nem mesmo promover ou subsidiar as atividades da Filosofia, tal como ocorre normalmente no âmbito das artes, através da prática do mecenato, quando algumas estruturas detentoras do poder financeiro de uma determinada sociedade patrocinam as atividades artísticas, em prol da afirmação do Estado como incentivador da cultura, granjeando assim, nas demais cortes do ocidente, o estatuto de “cidade civilizada”, visto que existe a presença de manifestações artísticas sobre a sua égide. No caso da Filosofia, essa possibilidade de apoio por parte do Estado deveria ser absolutamente obliterada, de modo que caberia ao Estado simplesmente exercer a “nobre” função de garantir a existência dessa poderosa ordem de pensamento, ainda que contestada pelos setores obscurantistas da sociedade, temerosos com o poder de influência exercido pela reflexão filosófica sobre a consciência dos homens. Portanto, o grande “mal” do Estado, para Schopenhauer, reside no fato de que a sua estrutura, além de impedir que o homem tenha a possibilidade de atingir a sua preciosa conscientização pessoal, por impedir que este encontre a verdade que se encontra para além das ilusões temporais, se apropria ainda do discurso filosófico produzido pelos eruditos professores acadêmicos, em benefício dos seus próprios objetivos políticos no âmbito universitário.

Além destes citados fatores, é importante ressaltar que Schopenhauer critica uma característica que considera como essencial para a construção dos discursos filosóficos dos grandes expoentes do Idealismo Alemão, isto é, Hegel, Schelling e Fichte. Schopenhauer considera que os escritos de tais filósofos, em decorrência da pretensa obscuridade dos conceitos desenvolvidos e do estilo argumentativo truncado, de modo algum seriam obras destinadas para a leitura de pessoas comprometidas com o nobre esforço de se alcançar a luz do conhecimento e da verdade, mas apenas um modo de exaltação do pensamento obtuso, incompreensível. Afinal, conforme o princípio schopenhaueriano, quanto maior a dificuldade de se interpretar o sentido essencial de um texto, maior seria a “aura” de genialidade que pairaria sobre as cabeças dos mesmos, pois o dedicado leitor, no seu íntimo, poderia vir a imaginar que, se porventura ele não é capaz de compreender as idéias desenvolvidas nestas obras estilisticamente obscuras, ele próprio deve se auto-responsabilizar por essa terrível deficiência intelectual, pelo pretense fato de que ele seria supostamente um indivíduo incapaz

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 257-278
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

de apreender idéias vigorosas e consistentes através das suas capacidades reflexivas.<sup>17</sup> Assim, nesse tipo de relação de autoridade entre o escritor e o leitor, este é que sempre recebe as reprimendas dos meios intelectuais por não ter conseguido decifrar os mais absurdos discursos filosóficos, os quais, segundo Schopenhauer, são muitas vezes incompreensíveis, em verdade, até mesmo para os seus próprios autores, que se articulariam entre si, todavia, pela legitimação intelectual das suas respectivas obras<sup>18</sup>. Schopenhauer considera tal situação o cúmulo da monstruosidade, preconizando que, ao contrário da moda seguida pelos escritores acadêmicos, um dos compromissos primordiais do filósofo comprometido com a busca pela compreensão da essência do mundo reside no exercício da boa escrita, para que as suas idéias venham a ser compreendidas pelo leitor do modo mais claro e adequado possível. Inclusive, Schopenhauer alude ao modo curioso e pejorativo pelo qual a inteligência cultural das grandes nações européias se referia quando se deparava com um pensamento obscuro, postulado como indecifrável, de algum autor: “isto é Metafísica alemã”, anedota que demonstraria a dita obscuridade que caracterizaria o pensamento filosófico alemão<sup>19</sup>. Já dizia Lucrécio: “Pois os tolos admiram e amar tudo o que julgam distinguir sob termos ambíguos, e dão por verdadeiro o que pode soar agradavelmente ao ouvido e se apresenta revestido de grata sonoridade”<sup>20</sup>. Schopenhauer é categórico ao dizer que “a filosofia está voltada para a verdade, não para a beleza”<sup>21</sup>; o mesmo tipo de colocação certamente seria aplicado ao uso da retórica quando a sua motivação não é promover o desenvolvimento intelectual do indivíduo, mas um ofício ocioso de sedução pelo encantamento do discurso.

Schopenhauer considera que este sintoma de declínio da escrita alemã teria surgido após a morte de Kant, aquele que seria um dos últimos gênios da filosofia ocidental. Quando Hegel, Fichte e Schelling obtiveram grande predominância nos círculos culturais alemães, ter-se-ia privilegiado um estilo de escrita pautado justamente na anteriormente citada obscuridade, o que, segundo Schopenhauer, seria um modo utilizado por esses autores para

<sup>17</sup> SCHOPENHAUER, A. *Sobre a Filosofia Universitária*. Trad. de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola e Márcio Suzuki. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 39.

<sup>18</sup> SCHOPENHAUER, A. *Sobre a Filosofia Universitária*. Trad. de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola e Márcio Suzuki. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 40.

<sup>19</sup> SCHOPENHAUER, A. *Sobre a Filosofia Universitária*. Trad. de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola e Márcio Suzuki. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 41.

<sup>20</sup> LUCRÉCIO, *Da Natureza*. Trad. de Agostinho da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1973, I, 641.

<sup>21</sup> SCHOPENHAUER, A. *Sobre a Filosofia Universitária*. Trad. de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola e Márcio Suzuki. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 30.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 257-278
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

que pudessem mascarar as deficiências conceituais dos seus próprios sistemas filosóficos. Schopenhauer considera que

Para ocultar a falta de pensamentos verdadeiros, muitos constroem um imponente aparato de longas palavras compostas, intrincadas flores de retórica, períodos a perder de vista, expressões novas e inauditas que, no conjunto, resultam num jargão que soa o mais erudito possível<sup>22</sup>.

Ao contrário dessa perspectiva que denota supostamente arrogância e desdém pelo leitor, o bom escritor seria aquele que redige diligentemente as suas obras para ser lido por uma ampla quantidade de leitores, não apenas por vetustos especialistas dos círculos acadêmicos. Schopenhauer, por meio desta crítica, preconiza as vantagens de uma linguagem clara, acessível, a qual, na simplicidade de sua escrita, pudesse expressar pensamentos profundos. Afinal, não é a obscuridade da escrita que determina a qualidade da obra, mas a própria riqueza de argumentação desenvolvida pelo autor. De certo modo, podemos afirmar que Schopenhauer manifestou uma considerável coerência em relação a essa proposta de reforma da escrita de textos filosóficos, pois, na maior parte das suas obras, suas idéias e pensamentos se manifestam de modo sutil e eloquente, claramente inteligível para todo tipo de leitor que demonstre interesse pela compreensão crítica de sua obra. Diz Schopenhauer que “(...) bons escritores sempre aplicaram seu esforço para fazer com que seus leitores pensassem exatamente o que eles próprios pensaram: pois quem tem algo preciso para comunicar toma sempre cuidado para que não se perca”<sup>23</sup>.

Prosseguindo no seu processo de críticas aos valores legitimados pela filosofia universitária, Schopenhauer, de modo um tanto polêmico, se refere a uma suposta atitude que os grandes intelectuais da época em que vivia adotavam entre si, no intuito de que pudessem legitimar, academicamente, um determinado modo de pensamento: uma banca de pensadores divulgaria e enalteceria o sistema filosófico de um companheiro no curso de uma faculdade, no acordo de, futuramente, o seu próprio pensamento também vir a ser estudado e exaltado publicamente por aquele, para que ambas as partes interessadas em obter sucesso pudessem conquistar os seus interesseiros objetivos, o sucesso público imediato e a concessão de

<sup>22</sup> SCHOPENHAUER, A. *Sobre a Filosofia Universitária*. Trad. de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola e Márcio Suzuki. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 34-35.

<sup>23</sup> SCHOPENHAUER, A. *Sobre a Filosofia Universitária*. Trad. de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola e Márcio Suzuki. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 41.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 257-278
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

favores acadêmicos<sup>24</sup>. Schopenhauer aplica nessa crítica mordaz o discurso platônico de que a desvalorização que recaiu sobre a filosofia (seja nos tempos antigos, seja na era moderna) decorre da infelicidade de se ocuparem dela os que não estão à sua altura; tratam dela os bastardos, não os filhos legítimos, ou seja, somente os interesseiros e oportunistas, não os gênios comprometidos com a busca pela verdade e pela aquisição de sabedoria<sup>25</sup>. Através dessas atitudes corporativistas, conseqüentemente, este curioso jogo da filosofia acadêmica alemã, inconsistente, frágil, falaciosa, descompromissada com as questões pertinentes do mundo, em prol da manutenção do *status quo* do corpo docente da instituição, tanto a nível material como intelectual, motivava o declínio da própria cultura alemã<sup>26</sup>. Mesmo a ida de Schelling de Munique para Berlim (em 1841), que era oficialmente um projeto promovido pelas autoridades legais para a defenestração do pensamento de Hegel e suas supostas influências deletérias na inteligência acadêmica alemã, na verdade seria um grande jogo de cena, pois seria como se substituir gato por lebre<sup>27</sup>.

Schopenhauer, como um “bom educador”, também se preocupa com a metodologia do ensino de filosofia que deveria ser aplicada nas academias, de modo muito distante do sistema que estava então em voga, que se pautava acima de tudo pela interpretação historiográfica dos conceitos do filósofo analisado; mais ainda, considera que o ensino de filosofia deveria ser ministrado como caráter introdutório, no qual o professor transmitiria as idéias gerais de um grande pensador, de modo que, a partir desse momento, o próprio estudante se esforçasse para desvendar o sistema de pensamento desse filósofo, trilhando o seu próprio caminho intelectual, sem depender da constante intervenção da autoridade do professor. Nada de conhecimentos adquiridos em “segunda mão”, conforme Schopenhauer reitera enfaticamente, mas um conhecimento que surja da própria atividade do estudante que aspira ao genuíno filosofar, atividade que se desenvolve através da leitura rigorosa das obras dos grandes pensadores, a qual, a partir deste estímulo edificante, proporciona o desenvolvimento saudável da filosofia mediante o exercício individual das capacidades intelectuais<sup>28</sup>.

<sup>24</sup> SCHOPENHAUER, A. *Sobre a Filosofia Universitária*. Trad. de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola e Márcio Suzuki. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 33.

<sup>25</sup> PLATÃO. *A República*. Trad. de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983, VII, 535c.

<sup>26</sup> SCHOPENHAUER, A. *Sobre a Filosofia Universitária*. Trad. de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola e Márcio Suzuki. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 37.

<sup>27</sup> SCHOPENHAUER, A. *Sobre a Filosofia Universitária*. Trad. de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola e Márcio Suzuki. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 15.

<sup>28</sup> SCHOPENHAUER, A. *Sobre a Filosofia Universitária*. Trad. de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola e Márcio Suzuki. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 92.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 257-278
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

Analisadas por um viés psicológico, a polêmica que Schopenhauer estabelece contra o ensino universitário da Filosofia e o academicismo estabelecido demonstra um nítido ressentimento em relação ao fato de sua obra durante muitos anos ter sido posta de lado pela inteligência alemã, e certamente poderíamos nos indagar se Schopenhauer, caso obtivesse desde o início de sua carreira o reconhecimento acadêmico que tanto esperava, manteria o teor corrosivo das suas diatribes; entretanto, apesar da virulência despejada contra os grandes nomes do pensamento alemão então em voga, a crítica schopenhaueriana ao projeto de ensino universitário de Filosofia permite uma compreensão extemporânea do papel cultural desempenhado pela figura do filósofo enquanto docente e pesquisador, e de que maneira esse intelectual se encontra afastado ou distante daquela que seria a finalidade maior da atividade filosófica, a incansável busca pela sabedoria e pela verdade.

### **Nietzsche educador**

As críticas de Schopenhauer ao sistema filosófico de Hegel e, por conseguinte, ao que considerava a contaminação da filosofia universitária, ecoam em Nietzsche de modo extraordinário, uma vez que este, iniciando a sua carreira intelectual na condição de professor de Filologia Clássica, nutria um nobre compromisso pedagógico de possibilitar o desenvolvimento saudável da cultura alemã, a qual, de acordo com as suas considerações, estaria estagnada por um longo período de tempo, devido principalmente ao avanço do historicismo como método de investigação dos fatos sociais, da cultura jornalística e do ideal de erudição manifestado nos círculos acadêmicos da Alemanha oitocentista.

De acordo com Nietzsche, em especial nas suas conferências Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino e na III *Consideração Intempestiva: Schopenhauer Educador*, um dos sintomas do declínio da cultura alemã residiria no ideal universitário de se formar homens não para o desenvolvimento de obras que possibilitem a criação e a afirmação da vida, mas sim, para o mero cumprimento de funções especializadas, de modo que não exista uma continuidade intrínseca entre o trabalho e a existência como um todo. O educando, em prol de sua máxima especialização, deveria receber das instituições de ensino um conjunto de conhecimentos estritamente direcionados para a prática do saber-fazer, sem que, no entanto, houvesse a proposta de que tais conhecimentos adquiridos proporcionassem o seu efetivo bem-estar e engrandecimento pessoal. Esse modelo de educação estaria voltado,

---

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 257-278
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

principalmente, para o desenvolvimento de atividades especializadas, tais como a Medicina ou as ciências da natureza. Contudo, Nietzsche continuamente argumenta que o ideal erudito se manifesta de modo mais catastrófico para o desenvolvimento saudável da cultura especialmente nas ditas ciências humanas e na própria Filosofia, através do anseio historiográfico por parte do pesquisador em conhecer todas as minúcias dos documentos investigado, de modo que, por meio deste empreendimento, venha a se tornar o grande especialista na sua específica área de conhecimento.

Este tipo de produção intelectual se pautava meramente no anseio de se acumular informações diversas, na supersaturação de conhecimentos, os quais, no entanto, analisados criticamente, demonstrar-se-iam absolutamente superficiais, repletos de lugares comuns e desenvolvidos de tal modo que fossem facilmente digeridos por seus consumidores-leitores, sem que, no entanto, se propusesse o exercício e a reflexão do senso crítico dos estudantes. Essa produção pseudo-cultural “degenerada”, portanto, não propunha o desenvolvimento do pensamento consistente, afirmativo, pautando-se tão somente na enunciação de vagas opiniões, inconsistentes “pontos de vista”<sup>29</sup>. Nesse ponto ocorreria o estreito vínculo entre o eruditismo e a “cultura jornalística, amplamente contestada por Nietzsche, que considerava que tanto o homem erudito como o adepto desse tipo de conhecimento seriam plenamente equivalentes, pois o primeiro buscaria o conhecimento desenfreado, comprometendo assim a sua própria vitalidade, enquanto o segundo adquiria somente conhecimentos superficiais, meras informações, sob a falsa aparência de consistência intelectual. Assim, tanto o erudito como o “jornalista da informação” prejudicariam o genuíno processo de aquisição de conhecimento, pois ambos acreditariam que, por meio das suas ações, estariam promovendo a divulgação e a formação da cultura. O jornalista, o senhor do momento, toma o lugar do grande gênio, do guia estabelecido para sempre<sup>30</sup>. Em suma, a cultura jornalística destacada por Nietzsche se pautava acima de tudo pelo grande anseio de se acumular informações diversas, na supersaturação de conhecimentos, os quais, no entanto, analisados criticamente, demonstrar-se-iam absolutamente superficiais, repletos de lugares comuns e desenvolvidos de tal modo que pudessem ser facilmente digeridos por seus “consumidores”, sem que, no

<sup>29</sup> NIETZSCHE, F. “Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino”, In: *Escritos sobre Educação*. Trad. de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Loyola/PUC-Rio, 2003c, I, p.54.

<sup>30</sup> NIETZSCHE, F. “Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino”, In: *Escritos sobre Educação*. Trad. de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Loyola/PUC-Rio, 2003c, I, p. 65.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 257-278
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

entanto, houvesse a saudável proposta de se exercitar a reflexão e o senso crítico dos leitores, encorajando-os para que fossem de fato criativos e intelectualmente ousados.

De acordo com a reflexão nietzschiana, a fraqueza do pensamento acadêmico de sua época resultaria da perda de seu compromisso com a vida, da incapacidade deste sistema intelectual proporcionar, tanto para os estudantes como para a sociedade que permanece em torno do círculo universitário, a criação, o acúmulo de forças para o desenvolvimento do “homem de gênio”, justamente a antítese por excelência do erudito, do especialista das minúcias<sup>31</sup>. Afinal, o “gênio”, de acordo com Nietzsche, utilizaria o conhecimento adquirido ao longo de sua formação para promover os valores da vida, subjugando categoricamente, por conseguinte, os saberes enfatuidos, inócuos, mascarados por meio de um nocivo acúmulo de informações, os quais, apesar da aparente imponência e relevância, seriam absolutamente superficiais, incapazes de proporcionar a elevação da cultura da época, ameaçada, portanto, de sofrer da paralisia de suas forças criativas. A tipologia do “erudito” é de um intelectual ao qual falta a unidade de estilo em todas as suas formas de vida, e que por uma inquietação febril pelo êxito acadêmico se encobre com os valores de uma pretensa cultura superior<sup>32</sup>.

Nessas circunstâncias, Nietzsche defende a polêmica idéia de que os estabelecimentos de ensino deveriam direcionar e concentrar suas forças em prol da formação do gênio, de modo que até mesmo toda a produção intelectual e meios materiais deveriam ser despendidos para a sua elevação. Porém, devemos ressaltar que o homem de gênio aludido por Nietzsche não se desenvolve a partir do nada, ou seja, ele não nasce com capacidades superiores aos dos demais indivíduos. O “homem de gênio”, na filosofia de Nietzsche, está destituído dos caracteres metafísicos outorgados por Schopenhauer, conforme vimos anteriormente nesta exposição. Podemos considerar então que o gênio, na acepção nietzschiana, é o tipo de homem que busca o conhecimento na própria vida, aquele que, a partir da sua própria singularidade, se torna capaz de empreender grandes ações na sua sociedade. O seu destaque pessoal frente aos demais decorre de um infatigável exercício da sua faculdade de conhecimento, a qual, no entanto, devemos ressaltar que atuaria no gênio de modo muito distinto, quando comparada ao homem erudito: enquanto este busca o conhecimento despropositado, o “conhecer pelo conhecer”, fato este que demonstra a esterilidade da vida do

<sup>31</sup> Elenilton Neukamp, em *Nietzsche, o Professor*, São Leopoldo: Nova Harmonia, 2008, p. 64, comenta: “O erudito, o especialista, é naturalmente adversário do gênio pelo ódio que nutre diante de sua fecundidade; sua erudição é infecunda e tem um efeito nocivo em relação ao surgimento do gênio, ao ponto de tornar-se uma ao seu livre caminhar, livre pensar.”

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 257-278
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

homem erudito, o qual, através do seu acúmulo de informações, não é capaz de criar obras valorosas, o homem de gênio, por sua vez, procura o conhecimento de modo equilibrado, controlando a força desmedida da vontade de saber, que pode, inclusive, conduzi-lo ao aniquilamento. Assim, o gênio somente aprende aquilo que pode efetivamente viver, abominando assim todo tipo de conhecimento que apenas instrui, sem ampliar ou estimular a sua capacidade de ação<sup>33</sup>. Por meio de suas considerações, Nietzsche salienta que esse empreendimento de afirmação da potência de agir do gênio era uma atividade muito árdua de ser conquistada pelos renovadores da cultura da alemã, mas que, se porventura esse nobre objetivo fosse gloriosamente conquistado, tal ato um evento extraordinário para a ampliação das forças vitais da sociedade.

Para conseguir concretizar os seus nobres objetivos culturais, Nietzsche propunha então a reformulação do núcleo que permite a formação do conhecimento humano: as instituições de ensino da sociedade, ou seja, tanto o ginásio como a universidade, centros de educação no quais o indivíduo concedia um rumo intelectual em sua vida. Nietzsche, na condição de engajado educador dos jovens, se preocupava com o problema do eruditismo na cultura alemã, e de que modo esta anomalia do intelecto poderia afetar a formação cultural desses estudantes, os quais, vivendo uma importante etapa de maturação, tanto física como mental, seriam as partes mais prejudicadas nessa circunstância, pois seriam treinados pelos estabelecimentos de ensino a submeterem as suas potencialidades criativas ao sistema conservador da educação oficial. Em vista desses fatores, Nietzsche considera que

Os ginásios podem portanto ser ainda hoje viveiros de erudição, mas não desta erudição que é somente, por assim dizer, o efeito secundário natural e não premeditado de uma cultura dirigida aos objetivos mais nobres, mas antes daquela que seria preciso comparar com a inchação hipertrofiada de um corpo malsão. Os ginásios são exatamente os viveiros para onde é transplantada esta obesidade acadêmica, quando não degeneram a ponto de se transformarem em escolas de gladiadores desta elegante barbárie, que agora se pavoneia com o nome de “cultura alemã atual”<sup>34</sup>.

Em relação ao problema da filosofia numa sociedade marcada pela perda do senso crítico, pela hipertrofia do conhecimento, que, necessariamente, não se vincula com a

<sup>32</sup> SANTOS, L. F. *Educação e Cultura em Nietzsche*. Braga: Ed. da Universidade do Minho, 1993, p. 58.

<sup>33</sup> NIETZSCHE, F. *A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos*, Trad. de Maria Inês Madeira Andrade. Lisboa: Ed. 70, 2002, § 1, p. 20. Formulação similar se encontra na II *Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003b, “Prólogo”, p.5.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 257-278
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

sabedoria genuína, Nietzsche, na sua defesa do ideal filosófico autêntico, demonstra a sua filiação ao intempestivo Schopenhauer, que defendia os interesses da postulada “verdadeira” Filosofia, livre das garras do academicismo, evitando assim que essa vida efetivamente devotada ao saber filosófico, pautada na interpretação do enigma metafísico do mundo, fosse contaminada pelo veneno corrosivo dos maus praticantes da filosofia acadêmica alemã, cujas preocupações centrais em um nível estritamente intelectual consistiria na interpretação exaustiva dos conceitos analíticos dos textos. Conforme esclarece Rosa Maria Dias

Nietzsche, como educador, não tinha interesse em se tornar um vasculhador de textos antigos, fechado em seu gabinete, nem em criar um círculo de alunos atentos, que seguissem indiferentes à vida que os rodeava. Pretendia, isso sim, incentivá-los a um olhar singular sobre determinada ciência, conduzi-los de modo a poderem criar uma humanidade rica e transbordante de vida<sup>35</sup>.

O eruditismo, por apenas valorizar a quantidade dos conteúdos textuais, não a sua qualidade efetiva e o estímulo para a formação da criatividade e do senso crítico no ato de estudo dos textos, serve de instrumento para as estruturas sociais interessadas na legitimação da ordem instituída e no nivelamento medíocre dos homens. A educação eruditista não se propunha a cultivar as aptidões singulares do indivíduo, mas tão somente a amestrar nos seus parâmetros normativos as potencialidades e anseios pessoais do estudante, dando-lhe a especialização máxima acerca do mínimo, limitando assim os seus horizontes intelectuais e existenciais. Acerca dessa problemática denunciada por Nietzsche, Jorge Larrosa argumenta que o “tipo erudito” é

Prisioneiro do ponto de vista único que domina e que o domina, escravo dos caminhos trilhados que conhece a dedo mas que impõem a ele o seu percurso. Porque dominar uma ciência é estar dominado por ela: viver sob seu abrigo seguro, mas demasiado estreito e escasso; olhar com suas garras de eficácia comprovada, mas limitadas e sempre imóveis; avançar lenta e pesadamente com seu passo firme e seus métodos carentes de dificuldade, até objetivos modestos e previstos de antemão; mas por caminhos que não permitem sair de seu traçado, nem aspirar a metas incertas e ainda desconhecidas<sup>36</sup>.

<sup>34</sup> NIETZSCHE, F. “Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino”, In: *Escritos sobre Educação*. Trad. de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Loyola/PUC-Rio, 2003c, III, p. 96.

<sup>35</sup> DIAS, R. M. *Nietzsche Educador*. Rio de Janeiro: Scipione, 2003, p. 26.

<sup>36</sup> LARROSA, J. *Nietzsche e a Educação*. Trad. de Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p. 36. Complementando tal perspectiva, conforme Oswaldo GIACÓIA JR. expõe em *Nietzsche & Para Além de Bem e Mal*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 68: “A especialização erudita em ciência, filosofia e arte conduz à superficialização do espírito, ao entorpecimento do impulso crítico, emancipador e criador”.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 257-278
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

O protótipo de educador alemão do período oitocentista, imbuído da “mórbida” tendência eruditista, era adepto também da exacerbação do sentido histórico na sua compreensão de mundo, tendência que, de acordo com Nietzsche, manifestava resultados prejudiciais na formação dos jovens, coagidos a elaborarem seus respectivos modelos de pensamento imersos nesse sufocante processo que castrava a criatividade individual, conforme apontado por Nietzsche em sua II *Consideração Intempestiva*<sup>37</sup>. Estes seriam alguns dos problemas apontados por Nietzsche em relação ao problema da associação entre o pensamento historicista e o conservadorismo pedante e enfatuatedo do tipo erudito, encontro de forças demasiado prejudicial para o desenvolvimento da vitalidade criadora de novos valores. Rosa Maria Dias, ao analisar essa questão essencial para a compreensão das críticas de Nietzsche ao modelo educacional em vigor na Alemanha, realiza um importante comentário acerca do vínculo entre historicismo e eruditismo na cultura contemporânea ao pensador alemão, considerando que,

Segundo Nietzsche, a educação que os jovens alemães recebem nas instituições de ensino funda-se numa concepção de cultura histórica que, ao privilegiar os acontecimentos e as personagens do passado, retira do presente sua efetividade e desenraíza o futuro. Uma história, um pensamento que não servem para engendrar vida e impor um novo sentido às coisas só podem ser úteis àqueles que querem manter a ordem estabelecida e o marasmo da vida cotidiana<sup>38</sup>.

Assim como Schopenhauer, Nietzsche também manifestava a sua preocupação em relação ao problema da interferência do Estado na formação e divulgação da cultura. A estrutura política e social de um Estado incapaz de conceder valor à cultura pode, quando muito, admitir a presença de uma espécie de filosofia destituída do seu senso crítico, da sua capacidade libertadora do homem. Contudo, Nietzsche reitera a idéia de que Estado jamais vê com bons olhos o filósofo intempestivo, aquele que se posiciona contra os valores de seu próprio tempo, aquele que denuncia aos homens o caminho equivocado que esses seguem cegamente, como um rebanho no qual o próprio pastor perdeu o rumo original. Nessas condições, Nietzsche salienta que

<sup>37</sup> NIETZSCHE, F. *Segunda Consideração Intempestiva da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003b, § 10, p. 91-92.

<sup>38</sup> DIAS, R. M. *Nietzsche Educador*. São Paulo: Scipione, 2003, p.60

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 257-278
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

Em todo lugar onde houve poderosas sociedades, governos, religiões, opiniões públicas, em suma, em todo lugar onde houve tirania, execrou-se o filósofo solitário, pois a filosofia oferece ao homem um asilo onde nenhum tirano pode penetrar. A caverna da interioridade, o labirinto do coração: e isto deixa enfurecido os tiranos<sup>39</sup>.

Este comentário de Nietzsche faz lembrar um dos piores atentados cometidos contra a livre manifestação da atividade filosófica em toda a sua história: o processo movido contra Sócrates por parte de alguns “distintos” membros da sociedade ateniense, profundamente insatisfeita com a subversão dos valores estabelecidos que o grande mestre empreendera, ao despertar nos cidadãos atenienses aquela que seria a melhor maneira de viver, ou seja, uma vida pautada na compreensão da própria interioridade da consciência, de modo que o apego excessivo aos bens fugazes adquiria o estatuto de estultícia; mais ainda, no ato de se reconhecer a própria ignorância perante a sabedoria plena, uma vez que justamente os homens que se arrogam como os maiores detentores do conhecimento, são os que, na verdade, menos saberiam, pois não questionaram a própria ordem desses saberes, muitas vezes, meras opiniões. Por se contrapor ao sistema de vida pelo qual se norteava a vida dos cidadãos atenienses, Sócrates é condenado à morte. Esse fato comprova a incapacidade da massa vulgar em ouvir a voz daquele que vê nitidamente os problemas que impedem o desenvolvimento saudável e feliz do homem e da própria sociedade na qual ele vive. Devemos ressaltar o fato de que, apesar de tecer diversas críticas ao sistema filosófico desenvolvido a partir de Sócrates, em especial pela busca da racionalidade incondicional, em detrimento da afirmação dos afetos trágicos e criativos, Nietzsche não deixa de nutrir uma relativa admiração pela postura de Sócrates como filósofo e como homem:

*Sócrates moribundo* – Eu admiro a bravura e a sabedoria de Sócrates em tudo o que ele fez, disse – e não disse. Esse zombeteiro e enamorado monstro e aliciador ateniense, que fazia os mais arrogantes jovens tremerem e soluçarem, foi não apenas o mais sábio tagarela que já houve: ele foi igualmente grande no silêncio. Quisera que também no último instante da vida ele tivesse guardado silêncio – nesse caso, ele pertenceria talvez a uma ordem de espíritos ainda mais elevada. Terá sido a morte, ou o veneno, ou a piedade, ou a malícia – alguma coisa lhe desatou naquele instante a língua, e ele falou: “Oh, Críton, devo um galo a Asclépio.” Essa ridícula e terrível “última palavra” quer dizer, para aqueles que têm ouvidos: “Oh, Críton, a vida é uma doença!” Será possível? Um homem como ele, que viveu jovialmente e como um soldado à vista de todos – era um pessimista? Ele

<sup>39</sup> NIETZSCHE, F. III *Consideração Intempestiva: Schopenhauer Educador*. III *Consideração Intempestiva: Schopenhauer educador*, In: *Escritos sobre Educação*. Trad. de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Loyola/PUC-Rio, 2003c, § 3, p. 154.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 257-278
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

havia feito uma cara boa para a vida, o tempo inteiro ocultando o seu último juízo, seu íntimo sentimento! Sócrates, Sócrates *sofreu da vida!* E ainda vingou-se disso – com essas palavras veladas, horríveis, piedosas e blasfemas! Também Sócrates necessitou de vingança? Faltou um grão de generosidade à sua tão rica virtude? – Ah, meus amigos, nós temos que superar também os gregos!<sup>40</sup>.

Nietzsche se diferencia axiologicamente do ideal teórico socrático-platônico por postular uma criação filosófica radicalmente extemporânea que aspire não uma elevação espiritual do homem ao plano supra-sensível, mas que fortaleça as suas disposições criativas no âmbito cultural, favorecendo assim a ampliação da saúde vital do povo. Com efeito, o projeto pedagógico nietzschiano compreende de modo imanente a intervenção do educador no contexto da sociedade intelectualizada, e de que maneira o ofício do pensador se associa imediatamente a uma otimização das qualidades criativas dos estudantes e de todos aqueles que se deparam oportunamente com os meios culturais propícios para a aquisição de um nível de saber que se articula com a causa da vida e da ação.

### Considerações Finais

Schopenhauer e Nietzsche são dois pensadores intempestivos que, dentre a riqueza de seus respectivos sistemas filosóficos, pretenderam investigar os problemas concernentes ao ensino de Filosofia nas universidades alemães, em virtude dos malefícios que ambos os pensadores detectaram como motivadores da decadência da própria Filosofia. Por exemplo, comumente é dito que Nietzsche não possui um sistema filosófico de fato em virtude do caráter fragmentário de alguns dos seus textos, sobretudo os da sua dita maturidade intelectual (1881-1888). Todavia, o leitor que conhece a peculiaridade da obra de Nietzsche compreende que a escrita em aforismos faz parte do seu inconfundível estilo, de modo que essa tendência de modo algum retira o caráter de importância da sua obra. Aliás, o fato de Nietzsche ter desenvolvido importantes questões ao longo de sua trajetória filosófica justifica a idéia de que ele também possui um vasto sistema filosófico. A diferença primordial, no entanto, consiste no modo pelo qual ele propôs expor as suas grandes idéias, através de um estilo que, em muitas de suas obras, se distancia do tradicional modelo acadêmico. Contudo, mesmo nas suas obras redigidas em aforismos encontramos profundos nexos temáticos, encadeados entre

<sup>40</sup> NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2003a, § 340.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 257-278
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

si de modo muito elaborado. Enquanto Schopenhauer considerava que, em prol da preservação da verdadeira Filosofia, seria extremamente necessário que esta permanecesse distante dos meios universitários, recebendo apenas o estatuto de curso introdutório, para que, após um primeiro estímulo ao estudante, este desenvolvesse um interesse efetivo pelo conhecimento filosófico, Nietzsche, por sua vez, manifestava um posicionamento mais flexível do que o seu “mentor intelectual”. Para Nietzsche, a Filosofia poderia fazer parte muito adequadamente do sistema universitário, mas seria extremamente importante que houvesse uma reforma da conduta de seus professores, sobretudo em relação ao problema do eruditismo e da dita “cultura jornalística”, possibilidades de aquisição de conhecimento e informação que, no entanto, não eram consideradas por Nietzsche garantias efetivas do desenvolvimento de pensamentos inovadores, da criatividade singular, pois tanto o eruditismo como a “cultura jornalística” excluía a possibilidade de formação de um conhecimento criativo e consistente, pois se pautava apenas na repetição de um legado filosófico calcado no infame argumento de autoridade, assim como na aquisição de informações parciais, desprovidas de substancialidade significativa. Desse modo, podemos afirmar que Nietzsche propunha como solução para este grave problema da intelectualidade alemã a progressiva libertação do filósofo comprometido com a afirmação da cultura com a criação das castradoras “amarras” academicistas, não que o filósofo devesse abdicar da sua carreira acadêmica e o desenvolvimento conveniente das suas pesquisas, mas que ele não se deixasse levar pelo processo de decadência cultural que faz do ensino um produto consumível, negando assim o seu princípio axiológico originário, que é a formação do homem de gênio. Nessas condições, tornava-se imprescindível a intervenção do filósofo comprometido com o desenvolvimento saudável da cultura, sendo assim a voz de contraponto aos valores declinantes da sociedade.

Se nos ativermos ao exemplo seguido por Schopenhauer e Nietzsche em suas respectivas experiências intelectuais, no tocante ao antagonismo entre o “filósofo acadêmico” e o “filósofo livre”, veremos que ambos, após viverem experiências no âmbito da educação universitária, abdicaram de desenvolver as suas carreiras nesse meio, tornando-se ambos pensadores emancipados do jugo do tradicionalismo e da vida acadêmica norteada por instâncias estranhas ao desenvolvimento livre do conhecimento e da cultura, como o Estado e a sua Religião oficial. Na condição de professor universitário, Schopenhauer tivera experiências um tanto traumáticas, pois, preferindo concorrer com seu grande antípoda Hegel

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 257-278
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

ministrando suas aulas no mesmo horário que este, acabara por perder disputa pela atenção dos estudantes, fato que levou o filósofo de Dantzig a se desgostar com a carreira acadêmica, abandonando-a pouco tempo depois. Nietzsche, por sua vez, desenvolveu, enquanto educador, trabalhos de suma relevância no âmbito da Filologia Clássica e da Filosofia, granjeando assim a admiração de muitos professores e estudantes. Contudo, as intempéries de sua vida, marcada por constantes problemas de saúde, impediram-lhe de desenvolver os seus potenciais de professor em toda a sua plenitude. No entanto, ainda que distantes da esfera acadêmica, tanto Schopenhauer como Nietzsche conseguiram triunfar sobre as adversidades cotidianas, de modo que ambos perseveraram na afirmação do pensamento filosófico, legando ao porvir uma espécie de lição existencial: caberia a nós, enquanto pesquisadores acadêmicos, honrar dignamente seus nobres exemplos, aproveitando o espaço universitário do ensino para o constante aprimoramento da criatividade humana e da cultura. Inclusive, é importante destacar que as evidentes divergências axiológicas entre Schopenhauer e Nietzsche não compromete essa valorosa filiação, pois se Schopenhauer postulava a busca por uma verdade metafísica, livre das contingências do tempo histórico, projeto de veracidade intrinsecamente estranho ao pensamento nietzschiano, o exemplo schopenhaueriano de extemporaneidade em relação ao declínio cultural da época presente e a busca por uma autêntica sabedoria de vida serviram para Nietzsche de modelo intelectual a ser seguido, na senda solitária dos grandes criadores intempestivos.

## Referências

- DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche educador*. São Paulo: Scipione, 2003.
- GIACÓIA JR., Oswaldo. *Nietzsche & Para Além de Bem e Mal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- KANT, Immanuel. *A Religião nos limites da simples Razão*. Trad. de Artur Morão. Lisboa: Ed. 70, 1992.
- \_\_\_\_\_. *O Conflito das Faculdades*. Trad. de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1993.
- \_\_\_\_\_. “Resposta à pergunta: O que é “Esclarecimento”?” In *Textos Seletos*. Trad. de Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 63-71.
- LARROSA, Jorge. *Nietzsche e a Educação*. Trad. de Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- LUCRÉCIO. *Da Natureza*. In. Col. Os Pensadores. Trad. de Agostinho da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- NEUKAMP, Elenilton. *Nietzsche, o Professor*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da Tragédia ou helenismo e pessimismo*. Trad. de Jacó Guinsburg. São

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 257-278
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. *Genealogia da Moral – Uma polêmica*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. *A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos*. Trad. de Maria Inês Madeira Andrade. Lisboa: Ed. 70, 2002.

\_\_\_\_\_. *A Gaia Ciência*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2003a.

\_\_\_\_\_. *Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003b.

\_\_\_\_\_. “Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino” / III *Consideração Intempestiva: Schopenhauer educador*, In: *Escritos sobre Educação*. Trad. de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Loyola/PUC-Rio, 2003c.

PLATÃO. *A República*. Trad. de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983.

SANTOS, Laura Ferreira dos. *Educação e Cultura em Nietzsche*. Braga: Ed. da Universidade do Minho, 1993.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Filosofia Universitária*. Trad. de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola e Márcio Suzuki. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Metafísica do Belo*. Trad. de Jair Barboza. São Paulo: Edusp, 2003.

\_\_\_\_\_. *O Mundo como Vontade e como Representação*. Trad. de Jair Barboza. São Paulo: Edusp, 2005.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 257-278
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------